

O *domínio do mental* e a vida loka: uma análise do dispositivo das drogas nas periferias de São Paulo

Paulo Artur Malvasi¹

Resumo: O artigo discute dinâmicas e conflitos que emergem em torno do chamado “problema das drogas” em um bairro de periferia da região metropolitana de São Paulo. Baseada em pesquisa de campo realizada nos anos de 2009, 2010 e 2011, a etnografia voltou-se às dobraduras do comércio de drogas em contextos específicos e objetivou descrever e analisar a experiência dos jovens nele inscritos. Um conjunto de considerações sobre a *mente* revelou-se como o ponto de ancoragem analítico dos conflitos disparados pelo dispositivo das drogas, no qual se estabelecem zonas de contato entre diferentes modos de regulação do cotidiano de jovens.

Palavras-chave: jovens; drogas; periferias; mente; etnografia.

The mental domain and the “vida loka” (tug life): analysis of the drug apparatus in São Paulo outskirts

Abstract: The article discusses the dynamics and conflicts that emerge around the so-called “drug problem” in a neighborhood in the outskirts of metropolitan São Paulo. Based in field research conducted in 2009, 2010 and 2011, this

1 Mestrado Profissional Adolescente em Conflito com a Lei – Universidade Bandeirante Anhanguera (UNIBAN)/ Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) – São Paulo – Brasil
- paulomalvasi@hotmail.com

ethnography returned to the folds of the drug trade in specific contexts and aimed to describe and analyze the experience of young people. A set of considerations about the mind revealed itself as the anchor analytical point of conflicts triggered by the drug apparatus, which sets the contact zones between different modes of regulation of everyday life of young people.

Keywords: young people; drugs; outskirts; mind; ethnography.

O trajeto labiríntico, característico de uma etnografia, já foi percorrido por muitos antropólogos: a experiência de campo transforma a proposta original da pesquisa. No caso da pesquisa que nutre o texto deste artigo, a “orientação” do campo levou à redefinição do recorte empírico, à ampliação da rede de interlocutores, à elaboração de outro modo de problematizar o trabalho no tráfico de drogas, não levando em conta apenas aqueles que nele trabalham. A tentativa de conhecer as *interfaces* que aproximam e tensionam na vida cotidiana três “pontos de observação” do tráfico de drogas – a *quebrada*, o *crime* e o *socioeducativo* – foi enunciada após doze meses do início da pesquisa de campo, em março de 2010.

O projeto de pesquisa inicial – Trabalho no tráfico de drogas: práticas sociais e representações coletivas entre jovens de periferias paulistas² – era o de conhecer e interpretar o cotidiano de jovens (adolescentes e jovens adultos entre 15 e 29 anos), moradores de periferias de cidades do Estado de São Paulo, que se ocupam com o tráfico de drogas, considerando uma questão de saúde pública essa participação de jovens no tráfico – e todas as implicações, enfim, na vida desses trabalhadores: a violência e os riscos associados à atividade. Iniciei a pesquisa de acordo com o que o projeto anunciava. Os jovens trabalhadores do tráfico acompanhados eram amigos ou parentes de pessoas minhas conhecidas, e aceitaram participar da empreitada por causa da confiança de relações interpessoais com os meus principais interlocutores. A mediação entre jovens moradores dos bairros pesquisados e profissionais com os quais me relaciono na área do “adolescente em conflito com a lei” ampliou a pesquisa e tornou-a mais complexa.

A análise inclui não só a perspectiva daqueles que se relacionam diretamente com o tráfico de drogas, mas também a de uma diversidade de jovens que

2 Projeto apresentado em março de 2008 junto ao Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno.

convivem com os traficantes e indiretamente se relacionam com o *crime* – via relações afetivas, profissionais e/ou comunitárias. Assim, o trabalho trata de práticas e teorias nativas no plural. Lidando com as “caminhadas” de meus interlocutores, não as considereei como histórias pessoais mas, antes, tomei as “caminhadas” a partir da perspectiva do “governo” (Foucault, 2008b): a relação de meus interlocutores consigo e com os outros foram vistas por mim como objeto de toda uma variedade de esquemas mais ou menos racionalizados (*quebrada, crime, socioeducativo*), que moldaram as formas de compreender e viver a existência em nome de certos objetivos – inteligência, sucesso, comportamento correto, superação.

Nas dobraduras do tráfico de drogas³ reconheci diferentes sistemas conceituais e modos de regulação: um ambiente de mercado – o *crime*, particularmente estudando o tráfico de drogas – disparador de práticas e, também, inserido em um “marco discursivo” – o “*mundo do crime*” (Feltran, 2011) — e um sistema político-estatal voltado para atender adolescentes “infratores”, organizador de discursos e de tecnologias sobre “crime” e “drogas” – o *socioeducativo*. Nas zonas de contato geradas a partir das dinâmicas do “problema das drogas”, as teias do poder se estendem até a dimensão territorial, simbólica e existencial denominada *quebrada* pelos meus interlocutores : um modelo de ação e representação da vida social caracterizado, de um lado, pela fragmentação gerada pelo efeito das ações estatais, descontínuas e contraditórias, voltadas para populações consideradas “vulneráveis”, e, por outro, pela afirmação de uma micropolítica de relações entre “manos da periferia”.

Um conjunto de considerações sobre a *mente* revelou-se como o ponto de ancoragem simbólico dos conflitos disparados pelo *dispositivo das drogas*⁴ nos territórios estudados. Denomino *domínio do mental* a encruzilhada que encontrei nas dobraduras do tráfico de drogas: o *encontro de mentes* nas interfaces do *crime* com os “manos” da *quebrada* e o *choque de mentes* entre o *socioeducativo*

3 Por “dobraduras do tráfico de drogas” nomeio os “varejões” que se instalam predominantemente em áreas pobres das cidades paulistas, empregam milhares de jovens de baixa renda, colocando-os em pontos estratégicos aos quais têm acesso tanto o consumidor quanto a repressão policial. Nessas dobraduras, além do comércio varejista de drogas feito em suas ruas, há relações comuns de vizinhança e ações combinadas e intensivas das forças de repressão, aliadas às de assistência e às de atenção governamentais.

4 Este texto parte do pressuposto teórico-metodológico de que o “problema das drogas” se constitui em um *dispositivo das drogas* – um problema de repressão e incitação das dinâmicas de consumo e de comércio de drogas, e também de intervenções estatais. Uma economia política que, mais do que apenas coibir, classifica e difunde (Foucault, 2001); um conjunto heterogêneo (e não um objeto homogêneo) que estabelece as relações entre discursos, instituições, leis, linguagens, sujeitos, práticas; um “conjunto multilinear” que segue direções diferentes, formando processos sempre em desequilíbrio (Deleuze, 2001).

e a perspectiva dos jovens atendidos. Em tal encruzilhada observo as zonas de contato entre diferentes modos de regulação do cotidiano de jovens das periferias de São Paulo.

Encontro de mentes – quebrada e crime nas dobraduras do tráfico de drogas

Em dezembro de 2009, com a presença de autoridades, políticos e representantes de ONGs, ocorreu um evento em um bairro periférico de uma cidade nas franjas da região metropolitana de São Paulo. No palco se apresentaram crianças e adolescentes de uma entidade convidada, tocando percussão – em seguida, houve a exibição do movimento *hip hop* local. No evento organizado por Thurma⁵, o palco foi armado perto de área muito precária, ao lado de uma estação de reciclagem de lixo, cercada de casas pré-construídas. Dezenas de jovens chegaram ao cair da noite, no momento em que as apresentações de *rap* começavam: uma delas foi a do grupo de Amendoim⁶ – *Antecedente criminal* – de estilo “*gangsta rap*”, com visual de banda norte-americana, caracterizado por blusas largas de moletom, bonés e correntes nos pescoços, entre outros adereços. A música de abertura foi o clássico dos *Racionais Mc’s* “Vida Loka”, parte II, e a segunda foi uma composição própria da banda, com título homônimo, “Antecedente criminal”:

Direto da *quebrada* para o mundo inteiro ouvir/prá quem desacreditou,
maluco, nós *tamo* aqui./Com mais sangue no olho do que você possa ima-
ginar/com muita ideia engatilhada, pronta pra descarregar./Antes criticava,

5 Thurma nasceu em 1983 e cresceu no bairro considerado mais “carente” e “vulnerável” de sua cidade (localizada nas franjas da região metropolitana de São Paulo). Passou a infância vivendo da coleta de bens no “lixão” da cidade, com sua mãe e seus sete irmãos. Na adolescência, ele utilizou substâncias psicoativas, cometeu pequenos furtos, pediu dinheiro em faróis junto com vizinhos até ingressar, aos 13 anos, em uma ONG da qual ele é hoje um dos diretores. Morando sempre na mesma casa, porém, Thurma continuou amigo e parceiro dos seus antigos companheiros de infância – os que juntos “abalavam” a cidade: alguns morreram, muitos viraram “trabalhadores”, outros ingressaram na “carreira do *crime*”. Com o passar dos anos, Thurma tornou-se uma referência em sua *quebrada*, tanto para os jovens quanto para as organizações e o poder público.

6 Amendoim nasceu em 1983 e mora na mesma casa desde então. Migrantes oriundos do norte do estado de Minas Gerais e do oeste do estado do Paraná, seus pais se separaram quando ele tinha 4 anos de idade: “Não sei, nem quero saber do meu pai” – respondeu quando perguntado. Aos 12 anos começou a vender balas nos faróis, até que um educador o encaminhou para a sede de uma ONG; sua mãe foi então conscientizada de que o Conselho Tutelar seria comunicado se ele fosse pego trabalhando. Por meio da lei do Aprendiz, no entanto, Amendoim conseguiu aos 14 anos iniciar atividades laborais, podendo legalmente ajudar sua família. Especializou-se em mecânica automotiva e, entre idas e vindas em trabalhos temporários, fixou-se em uma oficina mecânica em 2007, em bairro intermediário entre a periferia e o centro; o momento em que restabelecemos contato e eu o convidei a participar da pesquisa de campo foi quando ele perdeu esse emprego – exatamente em agosto de 2009.

duas vezes você não pensou/agora segura a bomba que em você estourou./
Falando a verdade, cem por cento é só maldade/som de terrorista, que *boy*
ouve e passa mal/nós tamos na cena, *Antecedente criminal*./Mostrando
tudo aquilo que a Globo não mostrou/a voz do mais sofrido que o sistema
censurou./Venho de um lugar que o *vida loka* faz a cena/você de BMW diz
que não é seu problema.

“Direto da *quebrada* para o mundo”, a banda de Amendoim se definiu como
“som de terrorista”, que mostra “tudo aquilo que a globo não mostrou” – “a voz
do mais sofrido que o sistema censurou”, um lugar em que “o *vida loka* faz a
cena”. Marca-se na letra da música uma oposição entre a *quebrada* e o “sistema”.
Em entrevista, Amendoim comentou a letra dessa canção:

A gente fala *boy*, mas o *boy* que a gente fala mesmo é isso daí mesmo, é o go-
verno, é o sistema. O *boy* é o próprio sistema mesmo. Aí a turma fala assim:
“Ah, o sistema ajuda todo mundo”. Não, não ajuda todo mundo, ajuda quem?
Os mais favorecidos. O cara que tem, os caras que têm Mercedes, os caras
que têm Audi, entendeu? Ajuda os caras que têm dinheiro. Agora o favelado
o sistema não ajuda não, aí os cara cata, os cara toma, os cara que sofreu
enchente aí, taca num barraco de lata lá, dá trezentos reais por mês ali pra
pessoa, como é que a pessoa vai sobreviver com trezentos reais por mês?

Outra apresentação de *rap* da noite, a de encerramento, foi a de um dueto
recém-formado por Thurma e Miguel⁷. A primeira canção foi feita em parceria.
“Dialeto” marcava, segundo Miguel, um novo estilo dele de compor. “Agora que
saí da cadeia pela segunda vez, não quero mais falar só de violência e crime.
Igual eu falo pra você, o sofrimento foi uma vitória, eu aprendi bastante com a

7 Miguel nasceu em São Paulo em 1982, no bairro do Tucuruvi, zona norte da capital, e seus pais são mi-
grantes do estado da Bahia e do norte do estado de Minas Gerais; descreve sua família como rígida: a
mãe trabalhou até se aposentar como merendeira de escola e o pai, eletricista, morreu quando ele tinha
12 anos. Estudou até a 8ª série (último ano do ensino fundamental, hoje 9.º ano) e casou-se aos 16 anos,
quando nasceu sua primeira filha. Quando isso ocorreu, em 1998, Miguel era “aprendiz” em uma fábrica
de tecidos e ganhava 1/3 do salário mínimo. Era “baladeiro”, como diz, e já tinha “conhecimento” com o
pessoal do “movimento”. O tráfico surgiu como uma “oportunidade”, em suas palavras: “Doze mesmo, eu
comecei cedo. Logo com dezessete mesmo, quando eu me casei, foi uma opção de vida... eu não posso
dizer pra você se era uma necessidade ou não, porque graças a Deus eu tenho saúde, sempre tive minhas
duas pernas, meus dois braços, força de vontade de trabalhar... Falar pra você.. necessidade é um pouco
também, mas eu vejo mais como uma oportunidade. Porque, já logo com dezessete anos, com dezesseis
eu já era pai, eu tinha que dar uma força pra criança, com o dinheiro de um salário mínimo não daria e
eu ganhava bem menos ainda... se eu não me engano ganhava trinta por cento do salário mínimo. Então,
não tinha como sustentar uma família. Aí peguei o ritmo, peguei o ritmo da favela... a maioria dos mo-
leque que eu conhecia vendia drogas”.

cadeia, tá ligado? Então eu saí falando mais o que, cara? Quando eu saí, eu falei um pouco mais de felicidade, da liberdade”.

Miguel entrou primeiro, tomando a frente do palco, camisa do Flamengo, boné preto, uma corrente dourada. Com energia violenta, voz aguda e rouca, gesticulando com veemência, cantou:

Não sou um mano esperto e sim um mano correto/estas palavras cê vai entender meu *dialeto*/chego na humilde “quebrada sul” pode colar/a paz e harmonia também está neste lugar/venho com os parceiros chega aqui, tira um barato/“quebrada leste” também tem vários aliados/não trago a dor comigo, ódio, matança/vim falar de um mundo novo que tá cheio de esperança/várias molecadinha que joga bola na quadrinha/da hora é ver o céu colorido pelos pipas/não quero para meu filho tudo que eu sofri/o possível e o impossível quero dar vida de rei/branco magrelo mas com sangue de negro/de zumbi a Mandela, eu sou afro-brasileiro/vem, vem, vem com nós, batendo na palma da mão/junto e misturado aqui só tem sangue bom/não, não diga que tá chateado, por quê?/a tristeza aqui não tem espaço/mano linha de frente com os ladrão a mais de mil/não deixo a bola cair, rimo samba com *rap*.

A posição no palco muda, Thurma dá um salto e assume a “linha de frente”, bermuda larga, camisa larga do Los Angeles Lakers, voz mais grave, menos violenta, seguindo o ritmo do colega:

No compasso, no balanço, no cortiço, no encanto/na favela, no barraco salve, salve geral/bate, bate coração, vivão para vivenciar/o pretinho aqui tá engatilhado pra cantar/de favela pra favela na balada eu escutei/e aí irmão canta aquele som que eu sei/de chinelo de bermuda bombeta cordão e blusa/samba *rock* samba *rap* bola e *brake*/somos os excluídos que a política esqueceu/na batida contra o tempo nosso aliado é Deus/enquanto tiver criança nas vielas da favelas haverá um odiado cantando as canções mais belas/e se no olhar de um guerreiro a tristeza ainda mora/no aperto de mão encontraremos a vitória/na favela é assim vivendo e sobrevivendo/falta comida na panela mas o samba tá fervendo/pode tentar se quiser/mas só consegue quem é *periferia*/a *vida é loka*, diferente da novela/latino-americano do fundão da favela descendente africano/samba *rap* de verdade/e aí finalizando favela do coração/pega a taça e o vinho/cola com nós sangue bom.

A música “Dialeto” é um documento interessante para pensar nas *zonas de contato* entre a *quebrada* e o *crime*. Miguel inicia diferenciando o “esperto” do “correto”. Atualmente na linguagem compartilhada no interior do “mundo do crime” o “malandrão” não “corre pelo certo”. Diferenciar o “esperto” do “correto” são as primeiras palavras para “entender o dialeto”, a segunda é chegar na humildade nas *quebradas*. Em “Dialeto”, Miguel, um “afro-brasileiro”, “branquelo, mas com sangue de negro”, está “junto e misturado” em um local (“aqui”) que só tem “sangue bom”. Ele, um “mano linha de frente”, está com “os ladrão a mais de mil”, a aliança com o *crime* está mantida. Não deixando a “bola cair”, rimando “samba com *rap*”, Miguel anuncia o seu parceiro, Thurma, que não é do *crime*, o que não quer dizer que não divida o mesmo “dialeto”.

Thurma inicia seus versos chamando o “salve”, “salve geral” – termo consagrado como comunicação do PCC via telefonia celular, e quando associado à palavra “geral” indica um tipo específico de “salve”, de grande amplitude e relevância – por exemplo, o “salve” que deflagrou os chamados “ataques do PCC” em 2006, que virou título de filme⁸. O *rapper* chama o seu “salve”, porém no contexto da “favela”, caracterizando para onde o “salve é enviado: do “cortiço”, do “barraco” – referências à *quebrada* –, e no contexto do “compasso”, do “balanço” – referências à música, ao *rap*. Termos que remetem a associações ao *crime*, à *quebrada* e ao *hip hop* formam o universo de seus interlocutores – “somos os excluídos que a política esqueceu”. Marca-se a visão do debate da “periferia” com o mundo público. O verso “na batida contra o tempo nosso aliado é Deus” chama para uma noção de “justiça divina”, recorrente para afirmar como a “vida é *loka*”⁹. Um “odiado” – que pode ser um “excluído”, um jovem morador da *quebrada* ou um traficante – cantará as “canções mais belas”, “enquanto tiver crianças nas vielas das favelas”. A noção de “guerreiro” é eleita para falar de quem vive neste contexto, de “tristeza”, e o “aperto de mão” – parceria, cumplicidade, reciprocidade, sintonia, conexão – é onde encontrarão a “vitória”. Thurma especifica de quem está tratando, ao provocar: “pode tentar se quiser, mas só consegue quem é periferia”. Periferia, palavra que marca uma posição do *rap* e de outras expressões juvenis da *quebrada* no mundo público. Território existencial em que “a vida é *loka*”, “diferente da novela”; a expressão *vida loka* volta a ser usada – como na canção do *Antecedente criminal* – para marcar a oposição às imagens ilusórias, falsas, publicizadas pelo sistema, via telenovelas. Da mesma

8 *Salve geral*, filme dirigido por Sergio Rezende, lançado em 2009.

9 Na canção “Vida loka”, parte 2, o grupo de *rap* paulistano *Racionais MCs* elaboram a idéia de *vida loka* em torno do personagem “Dimas”, relacionando-a ao “bandido” que foi crucificado ao lado de Jesus e salvo por ele no momento mesmo da crucificação.

forma que Mano Brown – “sou apenas um rapaz latino-americano, apoiado por mais de cinquenta mil manos”¹⁰ –, Thurma se filia a um contexto global, como um “latino-americano do fundão da favela, descendente africano”, e se despede da “favela do coração”, chamando os “sangue bom” para celebrar com vinho.

Ao final da apresentação, Miguel, Thurma e eu sentamos em um bar e ficamos conversando sobre um CD que eles planejavam gravar. A música “Dialeto” seria a música de entrada, depois de uma introdução com um diálogo entre os dois, com a música “Vida loka”, parte II, dos Racionais Mc’s ao fundo. Enquanto eu os importunava com perguntas para saber mais sobre o CD que gravariam, chegou Amendoim, que, ao sentar-se conosco à mesa, se dirigiu a Miguel: “Você tá sabendo o que aconteceu com meu irmão?”. O irmão de Amendoim havia sido preso na semana anterior. A seguir, o diálogo que acompanhei e que depois, na mesma noite, reproduzi em meu diário de campo:

Amendoim relatou a história de seu irmão, Jair, mais ou menos assim: “Meu irmão ‘rodou’ como ‘laranja’; ele estava trabalhando em um parque de diversões, que ficara no bairro por dois meses, ele ajudou a montar o parque e ficou amigo dos trabalhadores do parque e passava parte de seus dias lá, embora não recebesse nada”. O dia em que ele “rodou” era o último dia do parque. Ele não ia mais ver os amigos que fizera. “Aí meu irmão, meu irmão foi e tava dando uma volta no parque... Aí tinha um indivíduo, do ‘movimento’, que correu porque os ‘homi’ estavam atrás dele; e meu irmão tava com quatro ou cinco meninas aqui da quebrada; as meninas falaram que queriam ir ao banheiro; o banheiro mais próximo era de um posto de conveniência lá; aí meu irmão foi com as meninas. Aí esse cara chegou correndo e falou para o Jair: ‘Pelo amor de Deus, segura porque se os polícia vai me pegá, os polícia vai me judiar, os polícia já tem raiva de mim, não sei o que tem’, aí meu irmão por boa fé, segurou a mercadoria”. Segundo a reconstituição minuciosa de Amendoim, seu irmão colocou os “pinos” no bolso e entrou no banheiro. No momento em que ele saiu, os policiais estavam o aguardando e o prenderam. “Cataram meu irmão, algemaram meu irmão, colocaram dentro da viatura e levou embora. Quer dizer... Meu irmão segurou uma coisa que não era dele, entendeu? Só que tipo assim, né, Miguel, se fosse o caso contrário, a gente teria atitude, estaria ali ó, dando uma assistência, ô, precisa de um pacote de cigarro, ô, precisa disso, precisa de dinheiro? Agora o cara disse que não foi ele e não vai auxiliar em nada o

10 Versículo 4, capítulo 3 do CD *Sobrevivendo no inferno* – Racionais Mc’s, 1997.

meu irmão”. Miguel interpelou Amendoim, questionando se ele havia conversado com o rapaz do “movimento” sobre o ocorrido. Minha impressão é a de que ele queria ter objetivamente todo o proceder do Amendoim para decidir se pediriam o “debate” ou não. Segundo Amendoim, o rapaz negou o ocorrido, disse que a mercadoria não era dele. Amendoim passou a falar com mais indignação, para convencer Miguel: “Tranquilo, beleza, de boa, meu irmão tá preso, mas não tá morto, não”. Miguel perguntou onde estava Jair e se ele estava bem. Amendoim disse que ele estava em Hortolândia, que ele “caiu” no sistema (penitenciário) com um “conceito bom”, pois havia segurado o “B.O.”, não caguetou. Mas Amendoim enfatizou que Jair e toda a família estão “num sofrimento danado”. “Tá aquele sofrimento, cê sabe. E pra mim que tô aqui fora também tá complicado. O cara (irmão) me chega essa semana e fala: ‘Porque eu preciso de um pacote de cigarro’, aí eu pego e levo pra ele. Minha família contava com o trampo do meu irmão, também, e a gente não tá recebendo nenhuma assistência. Troquei ideia duas vezes com ele; o ‘verme’ negou até a morte. Falei: não, beleza, quando meu irmão sair, a gente conversa, meu irmão passa um perrengue lá dentro, mas quando ele sair, a gente conversa. Entende, Miguel? Por isso, eu decidi tomar uma atitude” (diário de campo, 18 de dezembro de 2009).

Na entrevista, Amendoim tratou deste acontecimento e de suas consequências para a vida familiar:

Minha mãe ficou louca, ela não sabia o que fazer. Se eu não saio na correria, ajudar minha mãe aí, coitada dela. E eu fui demitido por causa disso, tá ligado? É *foda*. Não é nada, sabe, eu corro atrás. Mas a minha mãe... ela não tá podendo trabalhar porque ela não tem sossego. Toda vez que minha mãe chega lá na cadeia fica na incerteza, não sabe se vai encontrar meu irmão vivo, não sabe se meu irmão vai estar lá dentro, entendeu? A gente ouve umas histórias, de cara que morreu porque tinha gilete na comida, às vezes vem bicho morto, é tuberculose, é Aids, é leptospirose. Então, você nunca tem uma certeza, sabe, você nunca tem uma certeza. E a gente, hoje, aqui fora, quem dá assistência pra minha mãe sou eu. Sou eu que corro atrás, eu batalho, entendeu? Eu tava tramando aí, como mecânico, eu tive que sair do trampo pra poder pagar advogado, pagamo a advogada, a advogada só pisou na bola, tivemos que correr atrás de outro advogado, já desembolsamos uma merreca pro outro advogado, então a gente fica na correria até hoje.

Miguel se prontificou a conversar com o rapaz e com o seu “patrão”. Chamou um “debate” para tratar do assunto e convocou Amendoim para participar, como “denunciante”. Esta situação é exemplar do acionamento do “debate do PCC” para resolução de conflitos relacionados a questões do tráfico de drogas; tal “debate”, entretanto, extrapola o ambiente do tráfico, pois os envolvidos – a família de Amendoim – não participam do negócio, são moradores que foram envolvidos pelo fluxo arriscado do tráfico, que com frequência interfere no cotidiano do bairro. O pedido de Amendoim era que os responsáveis pelo negócio ajudassem a pagar o advogado, que mantivessem algumas das necessidades básicas e alguma ajuda para a sua mãe; incluía também o pedido de punição ao adolescente. Observei em Amendoim e em sua mãe um desejo de vingança, afinal o ocorrido foi considerado uma grande injustiça.

Amendoim pediu a Miguel para chamar um “debate”. Assim, ele acionou uma instância de decisão local, que é identificada de maneira geral com o PCC. O ato não era um pedido de ajuda apenas, mas um pedido de justiça. Pelo fato de Amendoim ter passado por violência policial e por discriminação no trabalho, ele próprio não cria na possibilidade de acionar o poder judiciário, muito menos de conversar com a polícia para esclarecer – temia a humilhação e a fadiga. Conversar com o amigo Miguel foi a saída mais viável para resolver objetivamente um problema prático e concreto. Além disso, tratava-se de um interlocutor com o qual ele poderia expressar seu ponto de vista, com sua linguagem, seus valores e sua visão de mundo, compartilhavam nesta situação um mesmo “dialeto”. Sabiam que pelo fato de Jair não ter denunciado, ter “segurado o B.O.,” estava com um “conceito bom” dentro da prisão. Ao pedir a convocação de um “debate”, Amendoim conhecia melhor as possibilidades de intervenção, pois a conversa se daria de igual para igual, mesmo sendo seus interlocutores traficantes e ele não. Um dos argumentos fortes que Miguel usou junto ao “patrão” da *biqueira* foi a de que Jair, ao ser preso, teria demonstrado “proceder”: ele não delatou, “segurou o B.O.,” e por isso merecia proteção e apoio do “comando” dentro do sistema carcerário, suporte material e, se possível, financeiro – estendido à família. A ênfase foi o reconhecimento por quem é do *crime* do “proceder” de alguém que, embora não seja praticante de ilícitos, “correu pelo certo”. Miguel pediu também punição ao adolescente que passou o “B.O.” para o irmão de Amendoim; neste aspecto, seu argumento foi o do risco que o próprio negócio sofreria ao gerar para as famílias da *quebrada* transtornos e desgostos, por causa de uma responsabilidade que é do *crime*. Miguel argumentou que se não fosse dado o exemplo fatos como esse poderiam se repetir, enfraquecendo o vínculo do *crime* com a *quebrada*. “Falei pro cara, tá ligado, hoje o crime tem

que procurar a sociedade, trazer um pouco pra perto, por causa disso aí mesmo: pra que ela não ache que o cara que tá ali, na rua, vendendo, conquistando o dinheiro, não é o inimigo, não tá deixando roubar na quebrada, nem nada. E mostrar o quê? Que quem devia de tá dando a proteção tá prendendo, humilhando. Agora se a gente, que é do crime, não correr pelo certo, aí a sociedade se volta contra nós”.

A sentença relatada pelos meus interlocutores (Thurma e Amendoim) foi a seguinte: o dono da *biqueira* (ponto de venda de drogas) exigiu que o jovem pagasse com o seu trabalho os custos com advogado e apoio para o irmão de Amendoim. Ele seria descontado de suas vendas. Os custos dos riscos foram assumidos pelo “vendedor”, afinal, segundo o argumento do “patrão”, ele próprio escolheu uma ação e tal ação teve uma consequência. Não é o caso de violentá-lo, não haveria motivo. Sua ação implicou um risco, escapou da lei do Estado, mas não da “lei do crime”, que, neste caso, respondeu a uma demanda de moradores da *quebrada*; a “lei” que foi acionada no “debate”. O assassinato do rapaz não foi mencionado como possibilidade, nem tortura ou espancamento. Ele simplesmente teve que pagar a conta: mostrar-se um *empreendedor de si mesmo*, correr os riscos inerentes à *vida loka* do trabalho no comércio varejista de drogas, responsabilizar-se pelos riscos, pelas perdas e pelas benesses de suas escolhas.

No caso do “debate” do irmão de Amendoim, o procedimento foi acionado por pessoas que não seguem a “lei do crime” e que não possuem relação direta com o PCC, uma vez que, independentemente dele, havia uma situação que chamava o *proceder* para além da sigla. A requisição de reparo ao problema econômico gerado pela ação do *crime* e o direito de reconhecimento da inocência de Jair são considerados justos pela maior parte dos moradores da *quebrada*, inclusive pelos traficantes. São problemas que, com alguma frequência, ocorrem com muitos moradores dos bairros onde existe a coincidência entre comércio ilícito, relações de vizinhança e repressão das forças de segurança. Os argumentos de Amendoim para o pedido de “justiça” se basearam na demonstração da *atitude* e do *proceder* de seu irmão no caso; ele teve a *atitude* de não esmorecer, avaliando a situação, agindo com o *proceder* – não “caguetou” o verdadeiro “dono” das drogas encontradas com ele pela polícia. Amendoim, representando a família, demonstrou *ter uma mente* ao enfrentar esta difícil situação: ele acionou a *sintonia* do *crime* para encaminhar o procedimento do “debate”, com o intuito de minimizar os prejuízos de seu irmão e de sua família. O *crime* pôde ser um interlocutor nesse caso, pois foi também o próprio campo de origem do

problema e, possivelmente, o único recurso para encaminhamento de respostas a este problema específico¹¹.

Miguel usou a *mente* no debate. O recurso à *mente* marca de forma precisa a característica diferenciadora do “ladrão considerado”. A palavra do “ladrão” é o instrumento mais importante da gestão de suas relações cotidianas. O que revela a inteligência é principalmente uma capacidade de articulação da fala, de mediação pela retórica e da habilidade de fazer o interlocutor cair em contradição. A noção de *mente* surgiu como um atributo dominante do ideal de “bandido”, com maior intensidade do que a ideia da “força bruta”, da “disposição para matar”¹². O assassinato foi recorrentemente identificado com a ideia de “verminagem”. “Verme” é o bandido que mantém a prática de violências, matando e aterrorizando as pessoas; é também o membro da comunidade que chama a atenção por abuso de drogas e furtos em casas de vizinhos¹³. O termo “verminagem” é o que indica, de forma geral, os comportamentos que vão contra a *sintonia* na *quebrada*. Para grande parte dos meus interlocutores – do *crime* ou não – o “verme” atrapalha os negócios e a vida comunitária.

A prisão de Jair e a ação de Amendoim para minimizar as perdas familiares é um exemplo de como os jovens moradores de *quebradas* são capturados no *dispositivo das drogas*, ficando entre as forças de segurança e o *crime*. O problema da família originou-se como um efeito das atividades do tráfico de drogas. A família passou a se inserir nas políticas estatais de “combate às drogas” e pouco pôde fazer junto às instituições públicas. A família do rapaz preso acionou o “debate do PCC” para a resolução do conflito e essa ação implicou a ampliação do ambiente do tráfico na *quebrada* – moradores do bairro foram envolvidos pelo fluxo arriscado do tráfico que, com frequência, interfere no cotidiano dos

11 Como demonstra Gabriel Feltran (2010) moradores das periferias de São Paulo podem recorrer a diferentes instâncias de autoridade em busca de justiça: justiça do trabalho, justiça civil, justiça do crime e, também, em casos onde o problema decorre das ações que envolvem o crime, a justiça pode ser requerida junto a uma autoridade do “mundo do crime” local.

12 Algumas características gerais de um “universo simbólico do crime”, definido por Alba Zaluar *como ethos* da masculinidade, seria a hierarquia – uma mistura de cálculo racional e emoção, a ambição de ganhar muito e ganhar fácil, a masculinidade reafirmada no uso de armas, na violência, na guerra de defesa de territórios (Zaluar, 2004). Segundo a autora, “a afirmação maior de um bandido é, inclusive, sua disposição em terminar de vez com a liberdade alheia – em suas palavras, ‘disposição para matar’” (Zaluar, 2004: 64).

13 A descrição de práticas de “verminagem” está nos seguintes versos de um *rap* de Miguel: “Noiado a noite inteira, roubando os faróis da nossa quebrada, são várias pegadinhas, são várias situações, ao invés de se atrasar faz a sua sangue bom, hã!? sangue bom não, sangue bom tem respeito, você não passa de um pé de pato traçoeiro, fazendo o terror, colocando o revólver na cabeça de criancinha, tá tirando?! tá fazendo hora extra nessa vida aqui, você tá levando... não vai levar a lugar nenhum, só vai ser mais um que morreu como um verme”.

bairros. A política de repressão, neste caso, acaba por gerar o efeito inverso do esperado: alargam-se as fronteiras do *crime* e multiplicam-se as estratégias entre os moradores para lidar com as consequências da difusão do “problema das drogas”.

Choque de mentes: crime e socioeducativo nas dobraduras do tráfico de drogas

No dia 20 de fevereiro, véspera de carnaval, Zezinho¹⁴ estava vendendo cocaína e *crack* em frente à sua casa. Eram mais ou menos 23 horas e ele já contabilizava cinco mil reais em vendas e mil e duzentos de lucro para si. Da frente de casa, com seu pai a aproximadamente trinta metros, ele viu a polícia chegando: “Eu fiquei olhando, olhando para ver se era a força [polícia]... aí quando eu vi era mesmo e já estava perto. Aí eu joguei do lado a mercadoria e fui para perto do meu pai, que estava na porta do bar”. A polícia o abordou, perguntou de quem eram a droga e o dinheiro, puxou seu braço, deu uma bronca em seu pai, que não entendia o que estava acontecendo. O pai o acompanhou até a delegacia. Durante o trajeto, uma série de xingamentos e provocações foi proferida contra ele pelos policiais. Zezinho foi encaminhado para a Fundação de Atendimento Socioeducativo (Fundação Casa), órgão do Estado de São Paulo responsável pela internação de adolescentes.

Em 2009, Thurma desenvolveu oficinas dentro da Fundação Casa, uma atividade de parceria entre a organização responsável pela gestão da unidade e a ONG em que o *rapper* trabalhava. Participei com Thurma em cinco oficinas, entre fevereiro e abril de 2009. O projeto tinha como “produto final” letras de *rap*; nas “Oficinas da palavra” Thurma e outros “oficineiros” realizavam audições de músicas, seções de filmes e colhiam depoimentos dos jovens para levantar ideias e palavras que servissem como matéria-prima para a composição de *raps*. Nos encontros Thurma lembrava que a composição de letras de *rap* demanda pesquisa. Os primeiros esboços de letras dos internos enfatizavam a experiência de participar do *crime*, crítica virulenta ao Centro de Internação e, também, a expressão do lugar afetivo e simbólico para o qual eles declaram fidelidade – suas *quebradas*. Tais conteúdos foram proibidos pela direção da unidade, que alegou que os conteúdos faziam “apologia ao crime”. Thurma insistiu na ideia de que eles deveriam se expressar livremente, mas se viu em uma “saia justa”: ou orientava para conteúdos mais “positivos” ou as oficinas teriam que parar. Houve uma censura da instituição, exigindo que as letras

14 Filho adotivo de dona Ivone (63) e de seu Patrício (61). Conversei com dona Ivone em 2009, após três anos sem nos vermos. Ela me contou, então, que o filho havia “virado traficante”.

falassem da “mudança” por que os adolescentes passavam na internação, do projeto de vida “positivo” elaborado a partir do cumprimento da medida, da importância da família, do trabalho, dos “valores sociais positivos” que deveriam guiar a vida dos jovens.

Zezinho foi um dos adolescentes mais participativos nas “oficinas da palavra”. Seu *rap* foi um dos mais elogiados pelos técnicos e pela direção da unidade. A psicóloga responsável teve em seu *rap* um dos elementos para escrever um relatório positivo para sua saída. Quando Zezinho apresentou o *rap*, em uma das oficinas, sua psicóloga chegou a chorar. Dizia gostar muito do Zezinho e de sua mãe, tida como um exemplo de comprometimento. A canção foi uma das “chaves” para a saída do garoto do centro de internação:

Quando se tem tudo ao mesmo tempo não tem nada, ó minha mãe, me desculpe minha amada; não soube aproveitar tudo o que eu tinha, e hoje eu me encontro longe da minha família, os dias aqui dentro eles são todos iguais, é aí que eu me lembro dos conselhos dos meus pais; penso a cada dia e penso a cada ano, penso em sair, continuar te amando, quando eu sair vou fazer tudo ao contrário, vou arrumar um “trampo” pra ganhar o meu salário; poucas pessoas conseguem me entender, e quem não me entende não sabe o que é sofrer; aí guerreiro, nunca deixe de sonhar quando o sonho é verdadeiro faz as algemas quebrar, vou reconstruir minha vida no mundão, detenção eu tô suave é só família sangue bom; vim de uma família toda trabalhadora guiada por 10 anjos e pela mãe protetora, deus tocou minha alma e mudou a minha vida, trouxe de volta toda a minha família, como ele é bom e trabalha com a verdade, obrigado meu deus por me livrar das maldades; pode ter certeza que eu vou mudar de vida, quero ficar ao lado de toda a minha família, não aguento mais ficar longe de ti, pois desde aquele dia eu nunca te esqueci, me desculpa mãe se um dia eu te fiz sofrer, hoje eu me encontro aqui no sofrimento, mas pra ficar ao seu lado eu caminho contra o vento; minha força está se esgotando, por isso eu desabafo e sigo cantando, vou me expressando da melhor maneira, pra que você me ouça e me compreenda, quando eu sair nós vamos bater uma bola, e não ficar aqui dentro contando as horas, ficar nesse lugar é muito difícil, onde a saudade se torna um vício; mas eu sou mais um com uma história triste, mas homem que é homem nunca desiste, eu vou mudar de vida porque eu sei que sou capaz, e dizer pra minha mãe: crime nunca mais.

Zezinho mostrou-se hábil nas relações institucionais e com os colegas de internação. Durante as oficinas observei seu papel de liderança. Ele era o “porta-voz” do grupo. Segundo Thurma, que acompanhou o garoto semanalmente e já o conhecia – são vizinhos –, Zezinho era um exemplo de *mente*: “boa conversa”, “sagacidade”, “humilde”. Zezinho é um “menor mente” – reconhecido pelos demais adolescentes internados como alguém que é “humilde”, “tranquilo”, justo e que “fortalece” os companheiros e consegue prestígio através do seu “papo” (Neri, 2009: 6). Zezinho tem o dom da palavra, me disse Thurma.

No início de abril Zezinho foi solto e iniciou o cumprimento da *medida de liberdade assistida (LA)*. Encontrei-o na segunda semana de atividades da LA, quando foi para uma oficina de *rap* com Thurma, que já desenvolvia havia dois anos as oficinas em meio aberto. Também nestas atuei como facilitador, voluntariamente. A letra que escreveu nessa oficina realizada em meio aberto revela um conteúdo diverso da letra que fez na internação. Ele voltou a expressar críticas à “Fundação”, voltou a destacar o crime como uma possibilidade e em vez da mãe, a pessoa central em sua vida passou a ser a namorada:

Minha *quebrada*, *favela de mil grau*/barraco de madeira não tem nada a ver com a praia/ali mora um moleque com um sonho especial/fazer gol com a camisa nove de futebol/mas não tinha dinheiro nem para a chuteira/comencei a roubar, dispensando a brincadeira/157 é embaçado, arrisca muito a vida/catou uns pacotinho pra repar lá na *lojinha*/ aí moió vamos dar fuga no meio da multidão/fui preso apreendido, jogado na Fundação/tanto a liberdade, firmão tranquilidade/mas eu nem respirei, voltei pra atividade/dois meses na rua, no corre de um dinheiro/,simpatia e Zé povinho têm, mas tô ligeiro/mas bem diz o ditado se conhece sangue bom/quem entra para o *crime* mente sã corpo são/oportunidade pra mim no país do carnaval/só se for olhando carro, ou limpando vidro no farol/dois meses de cadeia saudades do meu amor/a guerreira princesa nunca me abandonou/sua pele macia eu até gosto de lembrar/me lembrando da sua voz me dá forças pra lutar/foi lendo uma carta dela foi aí que eu sorri outra vez/e na carta dizia que estava grávida de dois *mês*/agora corre atrás pra *nóis* três/aí que eu descobri que o *crime* é ilusão/quero estar com minha família no momento de emoção.

Nesta letra Zezinho muda o tom, deixando mais porosas as fronteiras entre participar do *crime* e desejar uma vida familiar sem os riscos pessoais envolvidos na participação de atividades ilícitas. Zezinho representa a (sonhada) relação com o filho que nascerá e a futura (pretensa) mulher como elementos

que fazem do *crime* uma “ilusão” – pois “quer estar com a família no momento de emoção”, isto é, não estar preso, foragido, afetado pela violência. Não há uma análise moralizante das atividades ilícitas em si, mas antes a identificação dos desassossegos e sofrimentos gerados pelas consequências de ser um “fora da lei”.

A psicóloga que fazia o acompanhamento de Zezinho no cumprimento da medida de liberdade assistida me disse certa vez que seu trabalho é tornar o adolescente consciente das próprias escolhas e suas respectivas consequências: “Se ele quer trabalhar no tráfico de drogas, tem que estar consciente de que provavelmente será preso e, talvez, até morto”. Embora se manifeste como uma preocupação profissional genuína, o efeito da relação estabelecida com os técnicos, mediante execução de *medidas socioeducativas*, é eleger a decisão individual do jovem como o *fiel da balança* para a construção de um “projeto de vida” e ter uma “vida saudável”.

O processo de individualização da responsabilidade se coaduna bem a noção corrente de *empreendedorismo* que se amplia para remotas fronteiras da vida social; o *empreendedorismo* é hoje uma palavra-chave nas estratégias *socioeducativas*. O *sistema socioeducativo* tem hoje um objetivo principal: evitar a *reincidência*. A “socioeducação” deve ser capaz de suprimir um nível do comportamento do indivíduo. No caso dos adolescentes que trabalham no tráfico de drogas, o sentido da ação *socioeducativa* é mudar o comportamento em seu elemento econômico, a atividade de vender drogas. Os critérios psicológicos para a caracterização do adolescente continuam recorrentes e atuantes: análise da memória pessoal, da trajetória de vida com o ambiente familiar, da capacidade de ver a realidade, da permanência ou não dos traços de personalidade e caráter. Essas práticas avaliam se o indivíduo tem o juízo das “corretas” intenções, crenças e valores, assim como o raciocínio normal. Acontece que o conteúdo da normalidade psicológica esperada implica necessariamente abandonar a venda de substâncias psicoativas ilegais, como se este trabalho fosse em si um sintoma, um distúrbio de ordem psicológica.

Os adolescentes mantêm práticas sociais e veículos linguísticos que produzem disputas, mas também criam pontos de encontro com as disciplinas científicas que constituem o *socioeducativo*. Além do uso institucional da psicologia no *sistema socioeducativo*, alguns dos principais termos do vocabulário dos jovens das *quebradas* e do *crime* – *inteligência, mente, consciência, atitude* – também foram difundidos pela “ciência social” psicologia (Rose, 2008). Observo a convergência da *mente criminal* com a abordagem “psi” do *sistema socioeducativo* na difusão de um “*self empreendedor*”, característico do pensamento

baseado na “grade de inteligibilidade neoliberal” (Foucault, 2008a). Neste sentido, a abordagem que Nicolas Rose (2008) faz da difusão da “psicologia da empresa” merece citação. O autor argumenta que a partir dos anos 1980 uma “psicologia da empresa” de inspiração neoliberal marcou as tendências pelas quais somos governados por outros e as maneiras pelas quais devemos nos governar (Rose, 2008). Nesta chave, o bem-estar das existências, sejam de entidades ou indivíduos, deve ser garantido pela capacidade de iniciativa, de ousadia e vigor, do cálculo para a vantagem e a aceitação dos riscos na busca dos objetivos.

A visão do jovem como alguém que deve explorar individualmente os riscos, as perdas e as benesses de suas escolhas constitui uma zona de confluência entre o discurso *socioeducativo* e o do *crime*. Zezinho circulou durante os meses que eu o acompanhei por múltiplos níveis em que ideias, projetos e técnicas o influenciaram para um alinhamento com uma noção geral de competência pessoal, de capacidade de governar a si mesmo. Vivendo como suspeito em seu próprio bairro, Zezinho tem que escolher os meios, os caminhos e os instrumentos para o sucesso de sua empreitada individual. Simultaneamente, um aparato governamental difuso e um modelo de gestão do comércio de drogas o acompanharam, cada qual com suas próprias estratégias e seus próprios esquemas de gestão da vida do adolescente.

O domínio do mental e a disputa do humano

A “mente humana” tem sido objeto de investigações de diversos campos científicos, da biologia à psicologia cognitiva, da sociobiologia às neurociências – campos de estudos admitidos como capazes de executar experimentos em laboratórios e habilitados a promover tanto o desenvolvimento de instrumentos quanto o de testes e o de drogas – uma possível “droga-chave” para definir e explicar de forma objetiva a “natureza humana” e, talvez, a partir daí, exercer o seu controle. Segundo determinada visão normativa da vida, não intervir sobre os “incapacitados” ou “anormais” pode ser um perigo para a “saúde coletiva”. Dessa forma, esse tipo de controle de base “psicologizante” tem sido requisitado por setores da sociedade como algo necessário.

A centralidade dos saberes psicológicos não é aleatória. Como demonstrou Nicolas Rose (2008), a psicologia se constituiu como uma ciência social que encontrou seu espaço como uma técnica de regulamentação, um pretensão conhecimento sobre as pessoas com o objetivo institucional de administrá-las, moldá-las, reformá-las. Esse é o caso em grande medida do uso que se faz da “ciência social” psicologia, aplicada no campo de execução das *medidas socioeducativas*.

Além do uso institucional, entretanto, alguns dos principais termos do vocabulário dos jovens das *quebradas* e do *crime* – *inteligência*, *mente*, *consciência*, *atitude* – também foram difundidos nas últimas décadas pela psicologia. No transcorrer do artigo, o *domínio do mental* – as *zonas de contato* formadas pelo *encontro de mentes* (de jovens das *quebradas* que são “do *crime*” com outros que assim não se identificam) e pelo *choque de mentes* (do *socioeducativo* com as perspectivas dos jovens atendidos) – revelou-se como o ponto de ancoragem simbólico dos *mecanismos* disparados pelo *dispositivo das drogas* nos territórios estudados.

No discurso do *socioeducativo*, o *domínio do mental* (ou saúde mental) é, de um lado, organizado a partir da elaboração de diagnósticos que procuram identificar qual é o problema de natureza humana que leva o jovem a praticar atos ilícitos e, de outro, é elaborado por meio de mecanismos para conhecer e domar a “*mente criminal*”, com o intuito de demonstrar a competência da gestão das vidas e a diminuição dos custos sociais da criminalidade. A busca por delinear perfis e compreender comportamentos humanos está no cerne da corrida para se evitar a *reincidência*.

Em outra parte da fronteira – no “mundo do crime” – a noção de *mente* possui significados específicos que se cruzam com o do *socioeducativo*. Inteligência, sagacidade, capacidade comunicativa, astúcia, opinião, proceder, “sangue nos olhos” (coragem), objetivos concretos, palavra-ação; a *mente* é o que permite ler a complexidade do contexto do tráfico, um negócio de alto risco econômico e pessoal. Por meio do desempenho de uma fusão de racionalidade prática de gestão da vida cotidiana com a coordenação da palavra e a capacidade de ação, a *mente criminal* se fixa nas *quebradas* como um exemplo de realização no mundo, como um *modo de vida*. A consciência de jovens das *quebradas* e não do *crime* – como Amendoim e Thurma – se estabelece como a inteligência de lidar com as adversidades da *vida loka* da periferia, reconhecer e interpretar a realidade e, assim, ser capaz de se relacionar com as diversas “leis” (modos de regulação) – a do estado, a do crime, a das ruas – que permeiam a vida cotidiana. Em síntese, as *zonas de contato* entre o *crime*, a *quebrada* e o *socioeducativo* são mediadas por conflitos que elegem o *domínio do mental* como principal foco.

A técnica do “debate” é um mecanismo do PCC para o exercício da *mente*: lidar com uma vida incerta e saber escolher em um universo em que as leis públicas possuem legitimidade precária. O que revela a “inteligência” no interior da prática do “debate” é principalmente uma capacidade de articulação da fala, de mediação pela retórica e da habilidade de fazer o interlocutor cair

em contradição; capacidade de “blindar a própria mente” e “entrar na mente do outro”, um *jogo de forças*, modos de defesa da própria *mente*, envolvido em situações concretas que expõe os vínculos entre “ladrões” (Marques, 2009). A *mente* se expressa como locução em ato e as suas conseqüências em termos de prestígio e poder. O *jogo de forças* da disputa de *mentes* situa, a meu ver, uma versão nativa, no *crime* e reconhecida pelos jovens da *quebrada*, do que seja a inteligência para um trabalhador do tráfico.

A “*sintonia*” do PCC é recebida e de certa forma incorporada nas *quebradas* por jovens que não atuam no tráfico, pois ela é, antes, um *encontro de mentes*: a incidência de perspectivas a partir das quais emergem estruturas de significado compartilhadas entre jovens da *quebrada*, do *crime* ou não. Intencionalidades compartilhadas entre jovens de uma mesma geração e que cresceram no mesmo contexto. Entretanto, na interação entre jovens das *quebradas*, o *domínio do mental* possui dinâmicas tanto de diferenciação – estar no “corre” do *crime* ou não – quanto uma de combinação – todos passando pelas mesmas situações de adversidades. Enquanto no *crime* é necessário “*ter uma mente*”, entre os *hip hoppers* e educadores sociais é preciso ter “*consciência*”. Ambas as palavras evocam o âmbito do mental, da inteligência humana, da capacidade de reconhecer, interpretar e agir, de discernir.

Todos os “*manos da quebrada*” dotados de *mente* são potencialmente portadores de *consciência*. Thurma é um *rapper* e educador social, que forma uma dupla com um (ex-)traficante; Miguel, por sua vez, conjugou (por determinado momento de sua trajetória) a expressão artística através do *rap*, a geração de renda através do tráfico e a liderança comunitária por meio da gestão do time de futebol. A vitória dos guerreiros, aqueles que transpõem a separação entre *crime* e *quebrada*, é ter uma *mente* e torná-la *consciente*; dessa forma, é possível manter a sanidade e a força para enfrentar a batalha da vida cheia de infortúnios. Mesmo “faltando comida na panela” o “samba ferve”. Essa capacidade de “viração”, de “sobreviver na adversidade”, é um atributo de um “guerreiro” que é da periferia. Ele deve tornar *consciente* a *vida loka* – ter a percepção da realidade externa – e incorporar, pensar e agir de acordo com a dinâmica cotidiana das *quebradas*.

Para ser um “guerreiro”, morador de um bairro da periferia, não é preciso ser um criminoso; nem, tampouco, não o ser. O “guerreiro” é um “cara de *atitude*”/um “cara de *proceder*”; ser um “guerreiro” é ser alguém que possui uma “*mente*”/tem “*consciência*” para lidar com a *vida loka*. “*Atitude*”, “*proceder*”, “*mente*”, “*consciência*”, “*vida loka*”, “*humildade*”, “*quebrada*”, “*sintonia*”, “*periferia*” são alguns dos termos que compõem o *dialeto* comum aos jovens moradores de

bairros de baixa renda de cidades paulistas, sejam do *crime* ou não; um *dialeto da vida loka*.

O *dialeto da vida loka* é composto pelos veículos linguísticos que proporcionam a ligação entre a *quebrada* e o *crime*, permitindo a interação entre eles. Um olhar antropológico contemporâneo sobre as periferias paulistas revela que nelas se fala em muitas vozes. Minha etnografia conseguiu alcançar apenas algumas vozes das *quebradas* – de alguns jovens, “traficantes”, “*rappers*”, “educadores sociais”; muitas outras ficam de fora do quadro aqui desenhado. De qualquer forma, o *dialeto* está acessível a todos os jovens dos territórios periféricos. O *dialeto da vida loka* é uma subversão da linguagem “oficial” – do “sistema” ou da “sociedade”, para ficar com as expressões mobilizadas pelos meus interlocutores – por meio da qual é possível a união de “inteligências das *quebradas*”. O *dialeto* é o dispositivo que permite a coordenação de perspectivas a partir das quais emergem estruturas mentais compartilhadas.

A *perspectiva interfacial* de jovens das *quebradas* – o encontro da mente criminal com a consciência da periferia – se constitui em um modo de regulação das condutas – que denomino genericamente *lei das ruas*. Estabelece-se pela *lei das ruas* um circuito que permite a interligação na *quebrada* entre o *crime* e outras posições políticas juvenis – movimento *hip hop*, educação social, ONGs. O *dialeto* é a linguagem que exprime a *lei das ruas*. A utilização do *dialeto da vida loka* permite: a transferência do *proceder* e da *mente* “criminal” para a *quebrada* – a transferência de *atitude* e *consciência* para o *crime*. A *lei das ruas* difundida por meio do *dialeto da vida loka* se baseia no reconhecimento de uma experiência comum – a luta cotidiana da vida de jovens que moram nas periferias de São Paulo.

Revela-se um cenário imprevisto de sofrimento e de possibilidades humanas nas jovens gerações das periferias paulistas. Se a *vida é loka* – incerta e imponderável – é preciso “*ter mente e consciência*” para lidar com ela. Jovens mediadores, como Thurma, desenvolvem uma *mente* para lidar com a *lei das ruas* e com as “leis do crime”; aprendem também a compreender “o lado certo do errado”, aqueles *procederes* considerados corretos no *crime* e, por acaso, em consonância com a ética das *quebradas*. Em certo sentido, dividem a situação de estar de passagem pela vida e simultaneamente ter que lidar com a constante ameaça da violência; experimentam uma *vida loka*.

O uso institucional da linguagem cognitiva e comportamental da psicologia e o recurso dos jovens à expressão “*ter uma mente*” configuram-se em um campo de disputas simbólicas entre o Estado e o *crime*, indicando a *vida* como fronteira e *interface* entre saberes e poderes. Tais disputas são enredadas na

vida dos jovens, que experimentam as zonas (conflituosas) de contato entre o *crime* e o *socioeducativo* que mantêm eclipsada a *quebrada* – referência simbólica para eles. Nas “Oficinas da palavra” elaboradas e desenvolvidas por Thurma em um centro de internação, descritas anteriormente, os primeiros esboços de letras de canções dos internos enfatizavam a experiência de participar do *crime* e a expressão do lugar afetivo e simbólico para o qual declaram fidelidade – suas *quebradas*. Tais conteúdos foram proibidos pela direção da unidade, alegando que faziam “apologia ao crime”.

A disputa entre o *crime* e o *socioeducativo* materializou-se na experiência concreta do adolescente Zezinho. De passagem pelo *socioeducativo*, o adolescente percebe que é por meio do “bom comportamento”, de seu “ajuste”, que se dá a possibilidade de absolvição: as expressões faciais e a gestualidade do corpo, em sua relação com os representantes institucionais, foram marcadas por elementos de uma *performance* de submissão – mãos para trás, cabeça baixa, expressões de resignação – que diferem substancialmente de sua linguagem, de seus gestos e movimentos na rua, entre seus pares. Na rua, ele manteve a *performance* que o identifica como alguém de estilo “bandido”. O garoto lança mão de linguagens intercambiáveis em contextos locais (o “marco discursivo do crime” e o *dialeto da vida loka*) que o ligam a uma grande diversidade de juventudes nos contextos comunicacionais das periferias de São Paulo.

A corporificação da *lei das ruas* e a utilização do *dialeto da vida loka* são identificadas no *sistema socioeducativo* comumente como expressões do *crime*, “apologia ao crime”. As reações emocionais dos adolescentes são monitoradas por técnicas “psi”, para que se possa *saber* a “verdade interna” e *intervir* para protegê-los de seu potencial de *reincidência*. O *domínio do mental* é, hoje, um campo primordial para a execução de *medidas socioeducativas*; a saúde mental ganha terreno no *sistema socioeducativo* e a “questão das drogas”, em sua multiplicidade de agenciamentos, é o principal ponto da irradiação dessa área da saúde pública. Ao entrar no *sistema socioeducativo* pelo delito tráfico de drogas, os adolescentes são apreendidos em uma faceta do *dispositivo das drogas* que considera o “mundo das drogas” como o “mundo do crime”, e, em alguns casos, como o “mundo da dependência”. Associado ao “problema das drogas”, todo universo simbólico dos jovens é identificado como um “mundo de patologias” que deve sofrer a *intervenção socioeducativa*. Esse “mundo de patologias” é combatido no indivíduo, particularmente na “*mente*” do indivíduo: o jovem deve mudar seus valores, seu estilo de vida, suas inclinações, ficar com a “cabeça boa”. O *socioeducativo* entra em *choque* com a mente do adolescente ao desconsiderar o que *eles consideram* inteligência; não se estabelecem processos

comunicacionais de tradução entre o discurso técnico científico do *socioeducativo* e o “marco discursivo do crime”.

O *sistema socioeducativo* não tem ferramentas para avaliar a *mente* no sentido nativo a ela dado pelos interlocutores da pesquisa. A *mente*, para eles, não se enquadra em um perfil médio, localizado por sintomas ou trajetórias de vida. A *mente* define-se na escolha; ela é subjetiva, fenomenal e empregada de acordo com as situações concretas em que as ações se efetuam. Há no entanto um ponto de convergência entre as mentes *socioeducativa*, do *crime* e da *quebrada*: a coincidência de contrários, a zona de contato que pode ser vista no “*self* empreendedor” que todos proclamam em alguma situação. Como demonstrou Rose (2008), o “*self*” foi construído pela abordagem da psicologia da empresa, capitalizando até os indivíduos, preenchendo nas últimas décadas as mentalidades com a aspiração da autonomia. Assim, cada indivíduo, segundo esse paradigma, deve esforçar-se para alcançar satisfação pessoal em sua vida na terra, interpretando sua realidade e seu destino como uma questão de responsabilidade individual, enfim, encontrando significado na existência ao moldar sua vida através de escolhas (Rose, 2008).

A *vida loka*, em seu sentido mais amplo, submetida à teoria nativa e refletida nas considerações sobre a vida humana, constitui-se em um conjunto de interpretações sobre a própria normatividade da vida. Eu interpreto a tecnologia nativa de usar a *mente* para lidar com a *vida loka* como uma prática de autopreservação por meio do autocontrole. A *mente*, portanto, é acionada de acordo com as situações de vida. A vida oferece desequilíbrios, conflitos, batalhas, ela não é a harmonia. A *vida loka* mantém latente a possibilidade de um “distúrbio da *mente*”. Como a *vida loka* se refere a considerações da vida humana, em que tudo pode mudar a qualquer momento, acontecimentos podem acionar uma rede de eventos até certo ponto incontroláveis. A *vida loka* indica os limites do possível.

Sustento meu texto ao transmitir o legado de que a experiência de jovens nas dobraduras do tráfico de drogas é mais complexa do que a “guerra às drogas” permite observar. O consenso moral em torno do problema das drogas ilícitas – que alimenta a violência social e política contra jovens moradores de bairros de baixa renda – carece de questionamento. As dinâmicas acionadas pelo choque político nas zonas de contato nas *quebradas* entre o *crime* e o *socioeducativo* complexificam o debate – polarizado entre uma falsa oposição: “crime” *versus* “sociedade”.

Referências

- DELEUZE, G. Que es um dispositivo? In: BALBIER, E. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona, Gedisa, 2001, p. 155-163.
- FELTRAN, G. S. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. *Cadernos CRH*, v. 23, n. 58, jan.-abr. 2010, pp. 59-73.
- FELTRAN, G. S. *Fronteiras de tensão. Política e violências nas periferias de São Paulo*. São Paulo, Ed. Unesp, 2011.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 2001.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo, Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território e população. Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo, Martins Fontes, 2008b.
- MARQUES, A. Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Dissertação de Mestrado, Antropologia Social, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009.
- NERI, N. “*Tirando a cadeia di menor*”: um olhar sobre as relações entre jovens em conflito com a lei. VIII Reunião de Antropologia do Mercosul (CD-Rom, v. 1, Buenos Aires, AR, 2009).
- ROSE, N. Psicologia como uma ciência social. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 2, 2008, pp. 155-164.
- TELLES, V. e HIRATA, D. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *Revista Estudos Avançados*, “Dossiê Crime Organizado”, São Paulo, v. 21, n. 61, dez. 2007, pp. 173-191.
- ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

Recebido em: 05/04/2013

Aceito em: 17/06/2013

Como citar este artigo:

MALVASI, Paulo Artur. O *domínio do mental* e a *vida loka*: uma análise do dispositivo das drogas nas periferias de São Paulo. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 3, n. 2, jul.-dez. 2013, pp. 311-333.